

VIDAS CABANAS: ARTE, LUTA E RESISTÊNCIA NA AMAZÔNIA

“CABANAS” LIES: ART, STRGGL E RESISTANCE IN THE AMAZON

Adan Renê Pereira da Silva¹
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

RESUMO

A Cabanagem foi o maior movimento social revolucionário brasileiro do período em que ocorreu, entre 1835 e 1840. Devido a este feito, criou várias histórias no imaginário amazônico, misturando lendas e realidades. Assim sendo, o artigo visa investigar uma destas criações lendárias, a figura de Chico Patuá, presente na obra do autor Gian Danton. Para isto, mergulhou nas discussões sobre o tema e, via pesquisa bibliográfica, buscou verificar como a arte parintinense Caprichosa prepara-se para trazer o tema para a arena do bumbódromo. Como principais resultados, tem-se a necessidade de contar a história “vista de baixo”, missão de uma arte decolonial. Como conclusões, aparecem tanto a potência da arte em ter compromisso social com o pensamento crítico, quanto a necessidade de mais debates sobre o tema, ao se perceber que o Norte segue invisibilizado para o Brasil.

PALAVRAS-CHAVE

Cabanagem. Festival Folclórico de Parintins. Caprichoso. Decolonialidade. Artes Populares.

ABSTRACT

Cabanagem was the largest Brazilian revolutionary social movement of the period in which it occurred, between 1835 and 1840. Due to this feat, it created several stories in the Amazonian imagination, mixing legends and realities. Therefore, this article aims to investigate one of these legendary creations, the figure of Chico Patuá, present in the work of author Gian Danton. To do this, he delved into discussions on the topic and, via bibliographic research, sought to verify how the Parintina art Caprichosa brought the topic to the bumbódromo arena. As main results, there is the need to tell the story “from below”, the mission of a decolonial art. As conclusions, both the power of art in having a social commitment to critical thinking and the need for more debates on the topic appear, as we realize that the North remains invisible to Brazil.

KEYWORDS

Cabanagem. Parintins' Folkloric Festival. Caprichoso. Decoloniality. Popular Arts.

¹ Doutor em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas, (UFAM). Professor do Departamento de Teorias e Fundamentos da Educação da Faculdade de Educação da mesma instituição. Universidade Federal do Amazonas, Campus Manaus, AM, 69080-900, Manaus – AM. E-mail: adansilva.1@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0545-5712>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/1888827930222244>. Manaus, Brasil.

Introdução

A Cabanagem foi o maior movimento social revolucionário brasileiro do momento histórico em que ocorreu, entre 1835 e 1840, no período regencial. Isto porque, como explica Ferreira (2006), ela foi se hiperdimensionando: a Cabanagem iniciou sendo analisada como motim, depois como rebelião e mais tarde como revolução. Nela, excepcionalmente, o povo tomou o poder durante boa parte do período em que se desenrolou. Além disso, envolveu sujeitos de diversas etnias e classes sociais motivados por múltiplas razões (econômicas, étnicas, sociais e até religiosas) que se acumularam ao longo de um passado colonial recente. Estas e outras características permitem afirmar que o movimento cabano encontra-se no patamar aqui apontado em relação aos demais levantes insurgentes ocorridos no período regencial do país.

Espalhando-se pelo Norte, o movimento cabano criou várias histórias no imaginário amazônico, misturando lendas e realidades. Exemplo literário do que afirmamos está na obra de Gian Danton (2020), que lança o romance “Cabanagem”, tendo, entre outros laudatórios feitos, uma escrita que mescla ficção e realidade, ajudando a pensar artisticamente a revolta brasileira e potencializar o evento, já que ainda pouco estudado nas escolas nacionais, mostrando que a Amazônia segue invisibilizada em relação à produção de seus conhecimentos, sendo vista, de maneira geral, como produtora, no máximo, de “saberes locais”, como apontam Silva, Tenório e Lima Júnior (2023).

Destarte, a pesquisa empreendida parte de pressupostos qualitativos, efetivada por meio de levantamento bibliográfico, com o intuito de compreender a realidade de uma perspectiva que mergulha nas produções teóricas para gestar uma arte popular com compromisso social. No momento em que escrevo, o Festival ainda ocorrerá, o que me permite focar apenas na pesquisa bibliográfica que subsidia o que deverá acontecer artisticamente em uma das noites de apresentação, a qual costuma ocorrer no último fim de semana de junho, em três noites. Por seu caráter cíclico (o Festival acontece anualmente e quando termina um, começa-se a desenvolver o vindouro), estamos sempre em busca de fontes decoloniais e compromissadas com a produção amazônica.

A ideia é aprofundar um dos aspectos da Cabanagem, o lendário enraizado na oralidade fortificada após o fim da revolução e captada na obra do autor Gian Danton (2020). Tal lendário será apresentado em uma das noites do Festival, ajudando as pessoas a aprenderem mais sobre este relevante movimento histórico. Para tanto, apresentaremos como está sendo pesquisado o processo, no momento, em fase de criação, o que, entende-se, justifica a pesquisa nos âmbitos acadêmico, social e pessoal: academicamente, contribuindo com mais trabalhos no campo das Artes sobre o evento, socialmente, por trazer outros aspectos oriundos da Revolução Cabana, em geral, desconhecida e, pessoalmente, por ter o autor compromisso explícito com uma arte em tons decoloniais, o que é colocado em prática da posição de pesquisador amazônico marcado pela intersecção entre negritude, pobreza e sexualidade dissidente, o que aumenta a responsabilidade de honrar as bandeiras populares de luta de nossa gente.

A pesquisa parte da premissa de que a Cabanagem ainda é subestimada nos diversos campos de estudo que investem sobre o tema, como a História, a Sociologia, a Antropologia e a própria Arte, assim, focando a seguinte questão norteadora: o que nos ensina a Cabanagem e pode ser levado para a apresentação do Boi Caprichoso no Festival de Parintins pelo Boi Caprichoso? Para responder a este questionamento, o objetivo foi investigar uma destas criações lendárias, a figura de Chico Patuá, presente na obra do autor Gian Danton (2020).

O texto encontra-se estruturado da seguinte forma: após esta Introdução, apresenta-se uma breve descrição teórica sobre o fenômeno da Cabanagem, a seguir, discutem-se os resultados obtidos e se finaliza o texto com as considerações finais e a lista de referências consultadas.

Cabanagem: vidas em luta/o, resistência e revolução

Para Ferreira (2006), em se tratando da Cabanagem, ocorrida no Grão-Pará, tinha-se um espaço geográfico internalizado pelas elites como “perigoso”, por abrigar instituições políticas e ser a sede, base física do poder na Amazônia, em que moravam negros, indígenas, brancos empobrecidos, caboclos, ou seja, um “caldeirão” humano estimulado diariamente pelas privações originárias da opressão de uma sociedade absurdamente desigual social e economicamente.

Tais características não passavam despercebidas pelo Poder Regencial, que via no Grão-Pará um *locus* de tensão e conflitos. Inferia-se que, qualquer desejo político de contestação, teria necessariamente de passar por uma tomada política e militar da cidade. Até mesmo as mulheres, que não tinham, em geral, participação direta na política, envolveram-se no movimento revolucionário, seja auxiliando seus pares, seja tomando posições diretas na luta:

Pensada e gerida para ser o pilar da sociedade civil – século XIX – a família teria como senhor do público o homem. Ele seria o representante e responsável da/pela família, enquanto as mulheres deveriam desempenhar as funções de esposas e mães. Todavia, num momento de profundos questionamentos e conflitos, normas, instituições e leis ficam suspensas. Em decorrências, vazios sociais eram criados e deviam ser ocupados por outros sujeitos. (Ferreira, 2006, p. 200).

Neste diapasão, impende destacar como a Cabanagem conseguiu um feito memorável: uniu homens, mulheres, indígenas, negros, brancos empobrecidos – todas as populações subalternizadas do período -, os quais, após parcialmente organizados, partiram da frente da Igreja das Mercês, invadiram o Forte do Presépio e encabeçaram uma feroz luta armada em busca de liberdade e de melhores condições de vida. Estava instaurado um cenário que, mesmo após a suposta “pacificação” pós-1835, continuou existindo enquanto ideário e realidade pelos rincões amazônicos. O sonho da igualdade estava plantado no imaginário amazônico, que recorria aos entes da floresta, aos orixás e diferentes fés para permanecerem lutando em meio à violência repressora representada pelas milícias legalistas.

Sobre as mulheres, Ferreira (2006) segue o raciocínio acima apontado, identificando-as como tapuias, negras, pobres, provavelmente, “de cor”. Tais participações eram de suma importância, pois na Cabanagem instalou-se uma rede de comunicação, informação e contra-informação, em que os laços familiares e de amizade teciam e engendravam uma relação de cumplicidade e estratégia de luta.

Inclusive, para pesquisadores como Bezerra Neto (2006), havia o fato de que muitos escravizados tinham tomado parte nas lutas do movimento cabano associando o movimento ao abolicionismo, ainda que reprimidos pelos próprios governos da revolução que não entendiam a “luta cabana” da mesma forma. Contudo, parte do

movimento identificava-se com o abolicionismo, o que mostra as muitas facetas da revolução, todas em torno da tão almejada liberdade e justiça social.

Salientando que as memórias da Cabanagem ainda hoje são um campo em disputa, Barbosa (2006) relata que, apesar de haver uma visão majoritária de que a Cabanagem, por ser uma luta popular, merece ser guarnecida como uma memória de resistência, não basta erigir a referida memória simbolizando a justiça, a liberdade, a democracia, a participação e a justiça social, se os dirigentes da política da atualidade desrespeitarem os valores e viveres do norte brasileiro. A hoje Belém foi palco da jornada cabana de 7 de janeiro de 1835, porém, as homenagens no tempo vivido atualmente ainda estão longe de representarem um sentido intenso de justiça social. Inclusive, isso se coaduna com as diversas “ressignificações” que o movimento cabano criou:

O que desejo ressaltar é que se a memória cabana nos processos costumava associar os atos cabanos à vontade de seus líderes, a prática de luta e ação cabana parecia-se mais ao que podemos denominar de movimento de massa espontâneo. O auge desta desobediência marcava também o momento máximo das comemorações cabanas. Existem mais do que indícios de que a festa cabana, sobretudo aquela realizada em agosto de 1835 em Belém, possuía alguns aspectos relevantes para notar um certo padrão de ação política dos cabanos. Uma testemunha dos feitos cabanos de agosto de 1835, o alfaiate Domingos José da Assunção, lembrava que entre as oito e nove horas da manhã de agosto, ele, estando escondido atrás do altar-mor da Catedral da Sé, pode ouvir os cabanos que lá invadiram a igreja. Eles teriam entrado, cantado uma ladainha e, subindo a torre da Catedral, teriam mandado repicar os sinos da Sé. O alfaiate Domingos lembrava que na Sé os cabanos não pegaram ninguém, mas, que na igreja do Carmo havia sido diferente. De lá tinham arrancado à força um homem de nome Teotônio de Tal, matando-o em frente aquele prédio sacro. Lembrava ainda que das igrejas os cabanos haviam partido para as casas de particulares. (Ricci, 2006, p. 538-539).

Perceba-se como os cabanos foram criando novas experiências em locais que representavam o poder oficial, de acordo com o grau de alinhamento às expectativas do movimento, como uma forma de apropriação dos espaços físicos e simbólicos. A partir daqui, como não se trata de empreender um movimento histórico exaustivo de revisão sobre a Cabanagem na Amazônia e suas implicações para o período regencial, acredita-se que as informações já explicitadas fornecem um panorama

adequado do que foi a maior rebelião do período regencial, consoante também infere Bezerra Beto (2006).

Uma disputa por igualdade que mobilizou diferentes grupos sociais, incluindo o meritório feito de envolver as mulheres, questionando estereótipos de gênero vigentes no período. O valor da liberdade também foi o suficiente para dissipar obstáculos oriundos de culturas diferentes, como africanos de muitas regiões que aqui chegaram, povos indígenas de etnias variadas e gente empobrecida que talvez nunca tivesse utilizado uma arma. Tudo isto cercado por um ambiente cujas sabedorias populares traziam histórias de encantados, de orixás, voduns, inquices, visagens e transmutações de significados de elementos católicos. Ou seja, um momento rico para ser pensado artisticamente pelo maior Festival Folclórico do Norte, o de Parintins: engrenagens do que foi a Cabanagem em algumas dimensões, na arte vanguardista do Boi-Bumbá Caprichoso.

Caprichoso: o boi da arte popular, herdeiro da Cabanagem

Da Corte vem/De todos o mais cruel/Sanguinário, espada, corcel/Em busca do mais procurado rebelde cabano indomável/Lendário, lendário, lendário/Lendário, lendário, lendário/Tocaias, carabinas, emboscadas, armadilhas/Ciladas escapavas, tiro no teu corpo não pegava/Sumia na neblina da floresta/Chacinada que o luso temia na floresta/Chacinada que o luso temia/Desaparece e aparece, corpo fechado, os guias a teu lado/Antiga magia, feitiçaria/Chico engerado!/Voa, o breu da noite, Chico é pássaro negro na espreita/Cachorro do mato, é bote, é onça preta/Rasteja, sucuri, jacaré, rebojo sombrio/Chico sumiu, correu nas sombras, pulou no rio, pulou no rio, pulou no rio!/ É fogo, é luta, contra a milícia legalista! (2x)/É fogo, é luta, patuás e carabinas!(2x)/Dono dos caminhos, caçador que vem das matas, cavaleiro das armas, protegido em todas as batalhas!/Amazônia das encantarias, herança de um povo guerreiro/Avança a visagem no escuro, a resistência!/Capturem-no!/É mito, é metamorfo, é lenda, é espírito! Animal encantado, Chico engerado em bicho!(2x)/Engeramento, engeramento em bicho/É fera, criatura, é homem animalítico/Engeramento, engeramento em bicho/É fera, criatura, que vaga na neblina da floresta! (Adriano Aguiar, Charles Silva e Waltinho Oliva, Álbum do Boi Caprichoso 2024: “Cultura – o triunfo do povo”, Faixa: Engeramento, 3’13”).

Iniciamos a narrativa do embasamento artístico da apresentação por meio da toada – ritmo cantado no Festival de Parintins -, a qual esmiúça litero-musicalmente o quadro a ser exibido. Ela fala de uma pessoa-entidade capaz de se *engerar* em bichos na luta contra as milícias legalistas que o Poder Regencial ergueu contra os

cabanos. O *engeramento*, na linguagem local, diz respeito à capacidade de certos entes, como xamãs, pais de santo, sacacas, pajés, transformarem-se em entidades, com objetivos de proteção, de cura, de cuidado – a pessoas ou com a natureza. Esta é a descrição de Chico Patuá, o protagonista criado por Gian Danton (2020). Também na descrição está presente a luta entre o protagonista (Chico Patuá) e o antagonista, o temível vilão Dom Rodrigo, assassino por prazer.

A toada é deveras importante no Festival Folclórico de Parintins, pois é ela que “conta cantando” os diversos quadros da noite, devendo haver coerência entre o que é cantado e o que é apresentado na arena. Entende-se, assim, que para fins de compreensão do que passaremos a explicar, o primeiro passo é contextualizar a “construção” do Festival Folclórico de Parintins: uma disputa anual entre dois bois-bumbás, Caprichoso e Garantido, durante três noites que costumam coincidir com o último fim de semana de junho.

O Caprichoso é o boi negro, defensor das cores azul e branca, cujo símbolo é uma estrela na testa. O Garantido é o boi branco, empunha as cores vermelho e branco, tendo por símbolo o coração na testa. As origens dos bumbás parintinenses são creditadas à migração nordestina para a Amazônia, durante o período chamado “Ciclo Áureo da Borracha”, em que, fugindo da seca, homens e mulheres vieram para a região norte para produzir a borracha que seria utilizada durante as Guerras Mundiais pela Europa e Estados Unidos. Na bagagem, trouxeram o bumba meu boi e promessas, caso conseguissem “fazer a vida” no novo espaço geográfico de moradia. Pelo lado azul e branco, a criação do Boi Caprichoso é creditada a Roque Cid e seus irmãos, enquanto pelo lado vermelho e branco, o mérito é dado a Lindolfo Monteverde, ambos nordestinos.

A disputa é mediada por jurados escolhidos entre especialistas nas áreas de Música, de Coreografia e de Artes das Universidades brasileiras, à exceção da região norte, devido a proximidade com o Festival e possível influência de afinidades por um ou outro bumbá. Os jurados e as juradas selecionadas/os atribuem notas aos vinte e um itens de julgamento, sendo um deles a “lenda amazônica”.

A “lenda amazônica”, item de número 17, é definida em regulamento como uma história escolhida e concebida por meio de estrutura alegórica e cênica. Trata-se de

uma narrativa que ilustra a cultura dos povos da Amazônia dentro do contexto do espetáculo do boi-bumbá. É avaliada pelo modo com que recria visual, cênica e performaticamente as cosmologias que orientam o cotidiano, festividades, condutas e crenças. Também é julgada pela organização dos elementos visuais, tais quais indumentárias, adereços, alegoria, entrelaçados à representação visual e cênica na toada cantada na apresentação da lenda amazônica. Plástica e acabamento também são critérios de avaliação do item. Todos os itens de julgamento são disponibilizados para os jurados quando de suas chegadas na cidade para o julgamento.

Como visto, a toada deve estar em harmonia com o que será apresentado na noite, por este motivo, abrimos o tópico com a composição que “traduz” a lenda do heroico Chico Patuá. Voltando à obra de Danton (2020), um dos principais méritos do autor é mesclar ficção e realidade. Deixemos que ele mesmo explique:

Alguns podem achar estranho que os personagens tenham chegado até Mazagão, mas é um fato histórico que os cabanos chegaram ao Amapá (mais especificamente até Mazagão e até mesmo à Ilha de Santana). O próprio Soares de Almeida, interventor na província, chegou a comunicar numa correspondência datada de 6 de outubro de 1837, que havia cerca de 200 cabanos espalhados pelas ilhas em torno de Macapá e que estes esperavam auxílio da França para invadirem a capital. (Danton, 2020, p. 118).

Assim, a obra mostra aspectos poucos conhecidos da Cabanagem, como a participação do Amapá de forma protagonista na Revolução. O autor também ressalta o protagonismo de indígenas da etnia Mura, de negros, caboclos e de como a violência foi absurda e desnecessária no contexto repressivo. Provavelmente, intuía-se que uma “punição exemplar” teria força suficiente para extirpar eventuais outras revoltas. Ledo engano.

Chico Patuá é o personagem principal, recebendo o epíteto “Patuá” por ser considerado um alguém de “corpo fechado” justamente por carregar o amuleto mágico por onde quer que fosse (o patuá). Segundo os ensinamentos da avó, que fez o objeto, ele sempre estaria protegido enquanto o usasse. Chico estava cercado de seres metamorfos descritos na toada (ritmo da festa, exemplificada na letra que abre o presente tópico), apesar da luta intensa promovida pelas milícias legalistas comandadas pelo inescrupuloso vilão Dom Rodrigo, temido pelo modo sádico como matava mulheres em busca de prazeres sexuais. Dom Rodrigo faz um pacto, no

decorrer da perseguição, com a terrível Matinta Perera, entidade feminina que pode se transformar em coruja. Uma poderosa e maléfica feiticeira.

Já Chico é ajudado por diversas encantarias da Amazônia, como a Cobra Norato, e perseguido por outras. Várias facetas da Cabanagem são reveladas durante o duelo entre o protagonista e o antagonista: os tesouros da Cabanagem, enterrados pelos senhores de ricas fazendas, com medo de perder suas posses devido às intensas invasões que ocorreram durante a luta, os principais encantados da Amazônia: Mapinguari, Matinta, Boto. Inclusive, a mãe de Chico Patuá dizia que ele era filho deste último.

Ao término do romance, depois de vencer Dom Rodrigo, Chico e a companheira Moara somem nas águas. O desfecho fica por conta da imaginação do leitor e da leitora:

Os dois pularam na água e sumiram de vista. Há quem diga que naquele dia Chico Patuá e sua companheira morreram afogados. Seus corpos nunca foram encontrados e os soldados atiraram diversas vezes para ter certeza de que estavam mortos. Outros, entretanto, dizem que Chico era filho do boto e não morreria afogado. Esses afirmam que tanto ele quanto Moara sobreviveram aos tiros e conseguiram chegar a um local seguro, onde fizeram morada entre Mazagão e Mazagão Velho. Afirmam que eles viveram por lá muitos e muitos anos, tendo muitos filhos, que se diziam netos do boto e, segundo alguns, falavam com os seres da floresta. Mas ninguém sabe se é verdade ou não. Essa é apenas parte da lenda que envolve Chico Patuá e seu magote de cabanos insurrectos. (Danton, 2020, p. 115).

Tendo isto em vista, pode-se entrar na discussão do Boi Caprichoso e a percepção de levar a “lenda” de Chico Patuá para a arena.

Angela Davis (2018), lembrando uma carta de Martin Luther King, diz-nos que uma situação de injustiça em qualquer lugar do mundo é uma ameaça à justiça em todo o mundo. E a Cabanagem é uma situação vitimada por variadas injustiças: do apagamento da população negra na Amazônia, da força popular em busca de emancipação, do grau que alcançou a Revolução, colocada de modo geral em “segundo plano” diante de outros movimentos insurgentes, especialmente do Período Regencial. Enfim, mais um dos inúmeros apagamentos da Amazônia.

Destarte, o resgate da história de Chico Patuá é uma forma de decolonizar a História oficial. É um modo de mostrar que a Amazônia nunca foi um vazio demográfico,

pelo contrário, era repleta de indígenas em suas variadas culturas que, mais tarde, uniram-se com negros e negras escravizados/as de África. O romance mostra uma Amazônia que lutava para poder existir em meio à ganância do Império, que saqueava o já tão sofrido povo e, como contrapartida, nada oferecia.

A participação negra no processo e sua própria existência na Amazônia é apontada por Samuel Benchimol (2009). O autor narra que expressiva parte deste contingente africano vinha fugido de Maranhão e Pernambuco, refugiando-se no interior do Pará, formando os mocambos de Gurupi, Macapá, Mocajuba, Tocantins e Trombetas. Participando ativamente da revolução cabana, como muitos de Belém o fizeram, no fim do século XIX, um novo movimento migratório negro observou-se com a vinda de 2.211 barbadianos do Caribe, em 1910, para trabalhar na construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Após o fim dessa ferrovia, os trabalhadores se deslocaram para Manaus e Belém, onde muitas mulheres, humildes, tornar-se-iam lavadeiras e engomadeiras exímias, enquanto outras e seus maridos conseguiram ascender na escala social em diversos setores e profissões.

De um modo mais apaixonado, defende André Vidal de Araújo (2003, p. 552-553): “Há como que uma força telúrica, que se acumulou na alma dessa gente e que arrebenta, sem esperar, e de maneira surpreendente”. E arreбата: “Muitas vezes, os que eram criminosos, transcendem para um comportamento heroico, que toca as raias do desprendimento. Reabilitam-se pelo ensejo oferecido pelas oportunidades [...]”.

Para Ailton Krenak (2022), as sabedorias antigas, expressas em formas de mitos, lendas, conhecimentos ancestrais, estão vivas e seguem existindo sempre que uma comunidade insiste em habitar o lugar poético de viver uma experiência de afetação da vida, a despeito de outras narrativas duras do mundo. Isso pode não ter significado prático para concorrer com os outros em um mundo em disputa, mas faz todo o sentido na valorização da vida como um dom. Ainda para o pensador indígena, quando essas histórias enfatizam o caráter democrático, isto se torna importante, porque existe uma visão do senso comum de que a democracia está ganha, quando na verdade ela está em disputa constantemente, não sendo uma roupa que se veste e se sai por aí. É preciso que as pessoas apreendam o sentido da liberdade, e histórias como a dos cabanos corroboram este sentido.

Por sua vez, a intelectual negra bell hooks (2021) ensina que a comunidade é importante enquanto espaço de amor, no qual a sobrevivência humana é organizada. É nas comunidades, não na família nuclear, nem no casal ou na natureza individualista que se aprende a arte do amor. Ao ampliar o pensamento de hooks, inclusive extirpando quaisquer perspectivas de amor romântico, histórias como estas, ventiladas pelo Boi Caprichoso, ajudam a veicular o ideal democrático de Krenak e o amor no sentido de pertencimento enlaçado, em que, na potência de um Festival como o parintinense em capacidade de dissipar a colonialidade do saber, abre-nos a possibilidade de ensinar para as presentes e futuras gerações o ensinamento da história transgressora, em que consigamos referendar e rememorar a força de nossos antepassados que tentaram nos legar o sentido mais intenso da liberdade: inegociável, irrestrito, fonte de vida, luta, sonhos e utopias. O Boi Caprichoso se reconhece nesse legado e se considera, preto como é, herdeiro e filho da Cabanagem: uma comunidade, no sentido de bell hooks.

Considerações Finais

O texto, ao mergulhar em produções teóricas que tangenciam o complexo fenômeno social que foi a Cabanagem, procurou enaltecer a figura lendária de Chico Patuá, de modo a visibilizar aspectos de nossa região, na arte pedagogicamente crítica do Boi-Bumbá Caprichoso. Desta feita, ao passo em que se acredita que o objetivo proposto foi alcançado, espera-se que mais trabalhos sejam desenvolvidos neste esteira, ou seja, buscando aproximações entre arte, história e cultura popular.

Entende-se que a Amazônia é bem maior do que apequenados estereótipos que sobrevivem até hoje por conta de uma história narrada pelo colonizador. É imprescindível que olhemos para nossos povos originários, quilombolas, ribeirinhos, nativos de nossas terras, porquanto este lugar social é rico de saberes, os quais, por não se encaixarem naquilo que é eurocêntrico, terminam por ser negligenciados, vilipendiados, negados e/ou invisibilizados, mantendo o epistemicídio que já dura mais de quinhentos anos. É hora de por fim a isso e o Boi Caprichoso compra esta briga na teoria e na prática, realizando a práxis, como propõem os bons marxistas, mas sem abrir mão dos estudos culturais, aqui empreendidos e que se coadunam com este outro referencial teórico. Sejam os eternos cabanos na luta por melhores condições de vida! Se for preciso, a gente se engera!

Referências

ARAÚJO, André Vidal de. **Introdução à Sociologia da Amazônia**. Manaus: Edua/Valer, 2003.

BARBOSA, Mário Médice. Sete de Janeiro da Cabanagem: as efemérides cabanas e as dissonâncias sociais em Belém. In: NEVES, Fernando Arthur de Freitas; LIMA, Maria Roseane Pinto (Orgs.). **Faces da História da Amazônia**. Belém: Paka-Tatu, 2006. p. 491-518.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: formação social e cultural**. Manaus: Valer, 2009.

BEZERRA NETO, José Maia. O Doce Treze de Maio: o abolicionismo e as visões da Cabanagem, Grão-Pará – Século XIX. In: NEVES, Fernando Arthur de Freitas; LIMA, Maria Roseane Pinto (Orgs.). **Faces da História da Amazônia**. Belém: Paka-Tatu, 2006. p. 341-382.

DANTON, Gian. **Cabanagem**. Porto Alegre: Avec, 2020.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.

FERREIRA, Eliana Ramos. As mulheres na Cabanagem: presença feminina no Pará insurreto. In: NEVES, Fernando Arthur de Freitas; LIMA, Maria Roseane Pinto (Orgs.). **Faces da História da Amazônia**. Belém: Paka-Tatu, 2006. p. 197-226.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2021.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

RICCI, Magda. Um morto, muitas mortes: a imolação de Lobo de Souza e as narrativas da eclosão cabana. In: NEVES, Fernando Arthur de Freitas; LIMA, Maria Roseane Pinto (Orgs.). **Faces da História da Amazônia**. Belém: Paka-Tatu, 2006. p. 519-544.

SILVA, Adan Renê Pereira da; TENÓRIO, Adriano Magalhães; LIMA JÚNIOR, Josivaldo Bentes (Orgs.). **Festas, religiosidades e africanidades no Amazonas: saberes em diálogo**. São Paulo: Editora Dialética, 2023.